



**RIO GRANDE DO SUL, UMA TERRA DE
OPORTUNIDADES: A CONTRIBUIÇÃO DO DR.
JANNASCH NO DEBATE SOBRE EMIGRAÇÃO ALEMÃ E
COLONIZAÇÃO (1905)**

**RIO GRANDE DO SUL, A LAND OF OPPORTUNITIES: DR.
JANNASCH'S CONTRIBUTION TO THE DEBATE ON
GERMAN EMIGRATION AND COLONIZATION (1905)**

Rosane Marcia Neumann*

Universidade do Planalto Catarinense -UNIPLAC

 <https://orcid.org/0000-0001-5203-5086>

rosaneneumann@gmail.com

RESUMO. Emigração e colonização estavam na pauta do debate da intelectualidade alemã no final do século XIX. Objetiva-se situar a discussão a partir do artigo do economista e professor Dr. Robert Jannasch, *Land und Leute von Rio Grande do Sul*, publicado em 1905, na revista *Export*, em Berlim, Alemanha, resultado da sua viagem ao estado. No artigo, destaca a diversidade étnica e as condições de vida dos colonos, defendendo a emigração e ressaltando a importância das colônias para a economia do Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE. E/ímigração alemã; intelectuais; Robert Jannasch; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT. Emigration and colonization were on the agenda of the German intelligentsia at the end of the 19th century. The aim is to situate the discussion on the basis of the article by economist and professor Dr. Robert Jannasch, *Land und Leute von Rio Grande do Sul*, published in 1905 in the magazine *Export*, in Berlin, Germany, the result of his trip to the state. In the article, he highlights the ethnic diversity and living conditions of the settlers, defending emigration and emphasizing the importance of the colonies for Rio Grande do Sul's economy.

KEYWORDS. German emigration; intellectuals; Robert Jannasch; Rio Grande do Sul.

* Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul . Realizou estágio de Pós-Doutorado no Lateinamerika-Institut (LAI), da Freie Universität Berlin, Alemanha, e estágio de Pós-Doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul 2021-2022). Atualmente, é professora visitante no PPGH/FURG e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

Ferdinand Abbot, de Bagé, um político e crítico do Rio Grande do Sul, me disse com razão: “A Barra do Rio Grande não está apenas no Rio Grande. Ela está na cabeça de todos nós, devemos nosso atraso a ela”. Isso foi grosseiro, mas essa grosseria mostra que os riograndenses inteligentes reconhecem claramente o câncer que está impedindo seu desenvolvimento. (JANNASCH, 1905, p. 482)

INTRODUÇÃO

O estabelecimento de e/imigrantes alemães e de colônias particulares no noroeste do Rio Grande do Sul/Brasil se efetivou a partir da última década do século XIX. Nesse contexto, objetiva-se situar e compreender o debate travado na Alemanha no núcleo dos intelectuais americanista do eixo Stuttgart-Leipzig-Berlim, cujo ponto de convergência consistiu em direcionar o fluxo emigratório do país para o Sul do Brasil, no período de 1896 – ano da revogação do Rescrito von der Heyd – a 1914 – ano da eclosão da Grande Guerra. Para tanto, procede-se à leitura e análise dos escritos dos intelectuais americanistas, publicados na imprensa periódica do país e brochuras, resultados de artigos, opiniões, investigações acadêmicas ou explorações *in lócus*. Teoricamente, insere-se nos estudos migratórios transnacionais, sob a perspectiva da História Social Cultural, em diálogo com a história intelectual (CHARTIER, 1993; 2010) e metodologicamente, da Micro-história (LEVI, 2016; 2023).

O recorte temático tem por objetivo analisar o artigo do economista e professor Dr. Robert Jannasch, *Land und Leute von Rio Grande do Sul* [Terra e povo do Rio Grande do Sul], escrito e apresentado originalmente em 5 de abril de 1905, em formato de palestra na *Gesellschaft für Erdkunde* [Sociedade de Geografia] de Leipzig, Alemanha, e publicado em partes fragmentadas entre 3 de agosto e 19 de outubro de 1905, na revista *Export. Organ des Centralvereins für Handelsgeographie und Förderung deutscher Interessen im Auslande* [Exportação. Órgão da Associação Central de Geografia Comercial e Promoção dos Interesses Alemães no Exterior], de Berlim, Alemanha, revista da qual era um dos editores.

No seu artigo, o Dr. Jannasch apresentou sua leitura e impressões da e/imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, resultado de sua viagem pelas zonas de colonização do Sul do Brasil no decorrer do ano de 1904, como dirigente da

Centralverein für Handelsgeographie, associação favorável à formação de colônias alemãs e postos comerciais em áreas não europeias por razões econômicas. Denota-se que o Dr. Jannasch, enquanto intelectual, professor e dirigente do *Centralverein* ocupava um lugar exponencial no debate da emigração alemã e os alemães no exterior, posicionando-se favorável à emigração para a América do Sul e, em particular, ao Rio Grande do Sul, fortalecendo em contrapartida as relações comerciais bilaterais entre a Alemanha/*Heimat* e seus emigrantes no exterior.

A TESSITURA DAS REDES INTELECTUAIS

No final do século XIX, na Alemanha, os intelectuais foram fundamentais no debate alemão sobre emigração, império colonial e identidade alemã (SAUER, 2007). Nesse contexto, uma jovem geração intelectual alemã, com formação acadêmica em diferentes áreas do conhecimento, empenhou-se em propor, debater e vislumbrar possibilidades a fim de direcionar a emigração alemã para a América do Sul. Esses indivíduos, detentores de capital financeiro, capital social, político e cultural (BOURDIEU, 2007), ocuparam espaço em associações de emigração, na imprensa periódica e impressos (jornais, revistas, livros, diários de viagem), editoras e universidades. Sendo assim, entende-se que o agente que se dedica à produção intelectual integra o grupo dos intelectuais, construído socialmente e não cientificamente. Intelectual é um conceito impreciso, frouxo e polimorfo, para o qual cada historiografia nacional possui suas próprias particularidades (SIRINELLI, 1996; CHARTIER, 1993; MYERS, 2016). Por extensão, a história intelectual consiste

[...] em uma exploração da produção douta realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção (MYERS, 2016, p 24-25).

A noção de intelectual está ligada às práticas intelectuais a serem investigadas e mostra-se como um espaço de sociabilidade, dentro da noção de campo de produção cultural, no qual as obras são produzidas e onde se constroem as carreiras. Cabe compreender como esse universo dos intelectuais funciona e se articula, quem circula nesse espaço, as redes sociais, os *influencers* e as hierarquias, a agenda ampla de discussões do grupo e a agenda institucional restrita (MARTINS, 2020). Nesses espaços,

por vezes mais amplos, outras não, há aqueles sujeitos mais proeminentes, que escrevem e publicam, como o Dr. Ernst Kapff e Dr. Robert Jannasch, e outros, que atuam nos bastidores, como o Dr. Herrmann Meyer, mas ambos circulam por lugares comuns – jornais, editoras, universidades – e, a seu modo, buscam prestígio intelectual/financeiro e reconhecimento. Conforme Jorge Myers (2016), é fundamental inserir e entender esses intelectuais e suas escritas no seu contexto histórico de produção e circulação – local, lugar de fala, correntes científicas etc. –, ou seja, no caso aqui em estudo, uma intelectualidade acadêmica jovem, escrevendo numa Alemanha no seu auge da corrida imperialista e do colonialismo voltado à África e Ásia, olhando com desconfiança à jovem República recém instituída no Brasil, cuja postura política em relação à pauta da imigração ainda não estava bem definida.

A rede de intelectuais alemães – e políticos – e seus pontos de conexão é ampla, heterogênea, complexa e em permanente movimento de (re)construção, reunindo agentes pró-colonialismo na África, americanistas, germanistas etc. Para além dos sujeitos, havia as organizações emigrantistas, que atuavam em diferentes frentes – governamental, assistência, jurídica, educacional, religiosa, cultural –, tanto na orientação e direcionamento dos fluxos emigratórios quanto no acompanhamento dos emigrantes no exterior, ramificadas pelas diferentes regiões de línguas alemãs.

As articulações costuradas pelo Dr. Herrmann Meyer, tanto na Alemanha quanto no Brasil, são um exemplo desse emaranhado universo colonialista e emigrantista. Como estratégia inicial, o Dr. Meyer se inseriu nos círculos intelectuais e associações, nos quais se discutia e financiavam projetos de emigração, obtendo o seu apoio. Na sequência, conquistou a confiança de indivíduos que apostavam na emigração para América do Sul, em particular, o Sul do Brasil. Aqui, aproximou-se dos americanistas e passou a frequentar o *Internationaler Amerikanisten-Kongress* [Congresso Internacional Americanista]; além de associar-se ao *Deutsche Kolonialgesellschaft* (DKG, 1887-1933) [Sociedade Colonial Alemã], como um canal para obter recursos, marcando presença em seus congressos e publicando notas no seu jornal *Deutsche Kolonialzeitung* [Jornal Colonial Alemão]; ao *Centralverein für Handelsgeographie und Förderung deutscher Interessen im Auslande* (1878-1925) [Associação Central de Geografia Comercial e Promoção dos Interesses Alemães no Exterior], fundado pelo estatístico, economista e jurista Dr. Robert Jannasch (1845-1919), que publicava a revista *Export*, a qual disponibilizava amplo espaço para discutir emigração e colonização, acolhendo os artigos

com tais temáticas; e a revista *Die Grenzboten* (1841-1922)¹ [Os Mensageiros da Fronteira], voltada à discussão da temática e/imigração. Note-se que as associações, em sua maioria com sede em Berlim, ramificavam-se por toda Alemanha, com subseções locais, o que contribuía para colocar em circulação suas publicações. Sendo assim, estar inserido nesse rol, dava visibilidade e abria portas para parcerias.

Essa rede intelectual com múltiplas ramificações e interesses, contava com dois pilares centrais situados no eixo Stuttgart-Leipzig: o Dr. Ernst Kapff,² como capital social e cultural, e o Dr. Herrmann Meyer,³ como capital cultural e econômico, e o Dr. Robert Jannasch, como capital simbólico intelectual e comercial. Investigando a trajetória intelectual do Dr. Meyer e do Dr. Kapff, sobressai sua aproximação entre 1896 e 1914, quando estavam envolvidos na construção de um projeto de e/imigração Sul-Sul, ou seja, de Württemberg/Alemanha para o Rio Grande do Sul/Brasil. Como território para instalar o projeto de e/imigração e colonização, optaram pela região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, propondo como diferencial uma colônia alemã para e/inigrantes alemães suabos, onde pudessem ser e permanecer alemães (KAPFF, 1896; NEUMANN, 2016; 2022; 2023). Ambos trazem na sua bagagem familiar o capital social de uma elite

¹ A revista nacional-liberal *Die Grenzboten*, publicada semanalmente entre 1841 e 1922, por vezes bissemanalmente, visava refletir todo o mundo burguês. A partir de 1871, o subtítulo fornece informações precisas sobre o conteúdo: *Zeitschrift für Politik, Literatur und Kunst* (Revista para Política, Literatura e Arte). A revista foi fundada em Bruxelas em 1841, e a partir de 1842, foi publicada em Leipzig, mais tarde em Berlim. Trata-se de uma das revistas mais importantes da Alemanha no período, que publicava os maiores intelectuais da época. Como linha editorial, colocava-se acima das tendências políticas, e defendia a unificação interna alemã. Sobre a revista, ver o artigo de Fritz Werner (1922). A revista está digitalizada e disponível na *Staats und Universitätsbibliothek Bremen*, Alemanha (<http://brema.suub.uni-bremen.de>).

² Sixt Ernst Kapff (1863-1944) nasceu em *St. Gallen*, na Suíça, vindo de uma família de nobres funcionários públicos de Württemberg, Alemanha, e mudou-se várias vezes em sua juventude, conforme o local de trabalho de seu pai. A família fixou-se em Ludwigsburg, posteriormente, em Cannstatt, próximo a Stuttgart, em Württemberg (BURMEISTER, 2006). Ernst Kapff iniciou sua formação superior em 1882, estudando Filologia e Estética na Universidade de Tübingen, interrompendo os estudos para prestar serviço militar. Continuou seus estudos em Bonn e Leipzig, mas recebeu seu doutorado em Tübingen, em 8 de julho de 1886, ao apresentar a tese *Das Tragische nach A. Schopenhauer und E. v. Hartmann* [O trágico para A. Schopenhauer e E. v. Hartmann]. Kapff foi um espírito da sua época, e se descreve como poeta de palco, arqueólogo, filólogo, pedagogo, historiador e tradutor. Ele também era um político e libretista de ópera.

³ Herrmann Meyer (1871-1932) nasceu em Hildburghausen, no estado da Turíngia, mas sua família se transferiu em seguida para *Leipzig*, Alemanha. Em 1890, Meyer foi estudar ciências físicas e naturais (*Naturwissenschaften*) nas universidades de Heidelberg e Strassburg, respectivamente. No outono de 1891, interrompeu seus estudos para prestar o serviço militar, quando transferiu seus estudos para Berlim, onde estudou Geografia e Etnografia. Em 1894, iniciou uma viagem pela Europa, e visitou coleções etnográficas. Concluiu seus estudos em 1895, em Jena, em Etnografia e Antropologia, ao apresentar a tese *Bogen und Pfeil in Central-Brasilien. Ethnographische Studie* [Arco e Flecha no Brasil-Central. Um estudo etnográfico], publicada no mesmo ano pela editora da família. Para ampliar suas pesquisas, realizou duas expedições ao Brasil central, até as nascentes do rio Xingu, no Mato Grosso, a primeira em 1896-1897 e a segunda, em 1899, publicando os relatórios na Alemanha (HERMANNSTÄDTER, 2004; NEUMANN, 2016).

cultural e econômica, o que lhes permitiu acesso ao ensino superior e a circulação em espaços da elite intelectual e política alemã.

Enquanto empreendedor, o Dr. Meyer investiu capital em seu projeto de e/imigração e colonização no noroeste do Rio Grande do Sul, com a fundação da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, em 1898, em sociedade com o teuto-brasileiro Carlos Dhein, sociedade essa desfeita em 1900, quando tornou-se o único proprietário. Profissionalmente, atuou no Instituto Bibliográfico de Leipzig, tornando-se sócio proprietário em 1906. Sua produção intelectual permaneceu restrita aos seus relatos de viagem, artigos na imprensa e prospectos de propaganda informativos, normativos e fotográficos das colônias e colonos do seu complexo colonial no Rio Grande do Sul (MEYER, 1899; 1901; 1903; 1904; 1906). Conhecedor dos meandros e do poder da publicidade, Dr. Meyer investiu maciçamente em propaganda, na perspectiva de “ser visto” e “fazer-se lembrado”. Relativo ao seu projeto de colonização, Dr. Meyer defendia que era fundamental manter a lucidez em relação à e/imigração e à colônia, no intuito de não alimentar ilusões, pois os prejuízos decorrentes de tal situação não compensavam. Em todas as publicações, deixava explícito que o empreendimento se limitava a fornecer o apoio logístico para a instalação dos e/imigrantes alemães/descendentes que, por meio de seu próprio trabalho, alcançariam uma existência de prosperidade e autônoma, logo, o projeto de colonização não tinha caráter assistencialista ou filantrópico. Em contrapartida, a Colonizadora Dr. Meyer oferecia aos e/imigrantes assistência religiosa e educacional, contribuindo na construção de um lugar de cultura alemã. Enquanto colonizador, Dr. Meyer visitou suas colônias em duas oportunidades – 1898 e 1900 –, não cogitando emigrar ao Brasil (NEUMANN, 2016).

Note-se que ao redor do Dr. Meyer e seu empreendimento colonial gravitavam outros intelectuais preocupados com a situação dos emigrantes alemães no exterior, como o Dr. Ernst Kapff, mentor intelectual do projeto, e o Dr. Robert Jannasch, que viajou ao exterior, incluindo o Brasil, com o propósito de conhecer as colônias e as condições de seus compatriotas.

O caminho do Dr. Ernst Kapff foi diverso, apresentando-se como um intelectual engajado e ativo na sociedade e na imprensa, com planos de emigrar ao Brasil – aprendeu a língua portuguesa e, em 1895, tinha em vista um emprego como editor de um jornal alemão em Porto Alegre, o que não se concretizou. Como pedagogo e professor, Dr. Kapff estava preocupado com o treinamento de líderes para as colônias e escolas no exterior, em particular, no Sul do Brasil, campo pouco desenvolvido na Alemanha.

Atuava junto ao *Deutsches Ausland-Institut de Stuttgart* [Instituto Alemão do Exterior, Stuttgart], uma instituição voltada à emigração alemã. Posteriormente, dedicou-se à reforma no sistema de ensino em Stuttgart e na produção de ensaios pedagógicos. Entre 1892 e 1911, publicou vários ensaios, sobretudo na revista *Die Grenzboten* e na revista *Export* sobre os emigrantes alemães no exterior, com enfoque na América do Sul e o Sul do Brasil. No mesmo período, conforme informam seus artigos, circulou por Wittenhausen, Cannstadt e Ulm, no estado de Württemberg, no sul da Alemanha.

No entrecruzamento das múltiplas redes de intelectuais americanistas e emigrantistas na Alemanha – que se conectam na universidade, associações, imprensa, espaços políticos, religiosos, escolares –, sobressai como interlocutor ativo o Dr. Robert Jannasch, envolvido politicamente com a emigração e os alemães no exterior. Dentre as suas muitas viagens, empreendeu uma viagem ao Sul do Brasil em 1904-1905, que resultou na publicação de vários artigos e um texto mais longo, nos quais defende a região como adequada aos e/inigrantes alemães. Na revista *Export*, como editor, Jannasch questionava e rebatia os argumentos dos autores, como Kapff, explicitando sua posição enquanto agente de emigração da Alemanha, ora defendendo o Estado alemão, ora os emigrantes, como conhecedor *in locus* da realidade desses sujeitos no exterior. Mas, acima de tudo, defendia os emigrantes alemães como potenciais elos comerciais entre a Alemanha e os países de destino.

DR. ROBERT JANNASCH: O ENTUSIASTA DO CENTRALVEREIN

A emigração transnacional conectou parte da intelectualidade alemã no final do século XIX até, pelo menos, a I Guerra Mundial, quando seus debates estampavam as páginas de periódicos e marcavam presença em congressos, bem como eram transversais nos debates políticos. Nesse cenário, o Dr. Robert Jannasch é apresentado como economista, jurista, estatístico nacional e político colonial (*Kolonialpolitiker*). Filho da elite política da cidade alemã de Köthen, distrito de Anhalt-Bitterfeld, no estado de Saxônia-Anhalt, nasceu em 30 de abril de 1845. Na sua formação acadêmica, estudou primeiro Ciências Naturais em Leipzig e, a partir de 1864, Direito e Ciências Políticas em Heidelberg, Bonn e Berlim. Em 1867/68, viajou para a Itália, França e Inglaterra. Em 1869, qualificou-se como professor na Basileia, iniciando a sua vida profissional. A partir de 1871, Robert Jannasch foi professor de Economia Nacional e Direito Agrícola na Academia Agrícola de Proskau, na Silésia. Em 1874, tornou-se diretor do Departamento

de Estatística em Dresden e, a partir de 1877, foi membro do Departamento Real de Estatística em Berlim, onde trabalhou até 1884, quando passou a dedicar-se integralmente ao comércio e política colonial (MEYERS GROßES..., 1907, p. 169). Em 1886, ele empreendeu uma viagem à Portugal, Marrocos e Países Baixos. Em 1904, viajou para o sul do Brasil que, em sua opinião, era particularmente adequado para colonos alemães. Ele explorou a geografia do país e elaborou mapas de algumas áreas. De 1904 a 1906, foi professor de Economia na Bergakademie (Academia de Mineração) de Berlim, atual Universidade de Tecnologia de Berlim.

A *Deutsches Kolonial-Lexikon* [Enciclopédia Colonial Alemã] apresenta o Dr. Jannasch como “um dos primeiros pioneiros dos esforços políticos coloniais na Alemanha. Ele estava convencido da importância do comércio e da colonização agrícola para o poder e a influência de uma nação”. A fim de viabilizar as conexões comerciais, em 9 de outubro de 1878, em Berlim, juntamente com o explorador africano Otto Kersten e um grupo de geógrafos, estatísticos, editores e empresários fundou o “*Centralverein für Handelsgeographie...*”, associação esta que tinha por objetivos “promover as exportações, incentivar a emigração para áreas onde a consciência nacional alemã pudesse ser mantida viva e trabalhar para o estabelecimento de colônias alemãs”. O programa do *Centralverein* mostrou sua tripla orientação como sociedade geográfica, associação de emigração e associação colonial. Contudo, o estabelecimento de colônias no sentido político era considerado uma meta de longo prazo.⁴ Assim sendo, Jannasch estava “ativamente envolvido na expansão do comércio alemão por via marítima e, acima de tudo, nos interesses alemães no sul do Brasil e na Argentina”. Seu interesse pela política colonial se reflete também na sua produção escrita a qual, além de artigos, inclui “a publicação da terceira edição da obra de W. Rocher: *Kolonien, Kolonialpolitik und Auswanderung*, 1885, à qual J[annasch]. acrescentou uma nova seção independente sobre

⁴ Em 1880, o *Centralverein* tinha como membros e apoiadores o Chefe do Almirantado, Albrecht von Stosch, o Vice-Almirante Otto Livonius, os Conselheiros de Legação do Ministério das Relações Exteriores Bunsen e Heinrich von Kusserow, o Secretário Geral da Associação Comercial Alemã, Wilhelm Annecke, Johann Cesar Godeffroy das maiores casas comerciais hanseáticas, vários professores, os industriais Werner von Siemens, Hermann Gruson e Arthur vom Rath, da *Westphalian Union* (indústria do carvão e do aço) e da *Vereinigte Rheinisch-Westfälische Pulverfabriken*, sediada em Colônia, juntamente com vários pequenos e médios empresários do setor bancário e de seguros, Georg von Siemens, diretor do *Deutsche Bank*, Adolph von Hanseemann, diretor da *Diskontogesellschaft* e das diretorias do *Baltischer Lloyd* e do *Rheinisch-Westfälischer Lloyd*. Por meio de membros duplos na alta administração, o *Centralverein* estava em contato próximo com muitas sociedades geográficas, bem como com a Associação de Colonização de Hamburgo de 1849 e, mais tarde, também com a “Associação para a Proteção dos Interesses Alemães no Exterior” de Munique. Ela cooperou de forma periférica com a “Sociedade Africana na Alemanha”. Nos anos seguintes, foram fundadas filiais da Associação Central em Barmen, Chemnitz, Dresden, Düsseldorf, Freiburg im Breisgau, Jena, Kassel, Leipzig, Marburg e Stuttgart. Também foram estabelecidas filiais no exterior, especialmente no Brasil, na Argentina e na Austrália (BADE, 1975).

as ‘tarefas alemãs do presente’” (DEUTSCHES KOLONIAL-LEXIKON, Band II, 1920, p. 124).

O *Centralverein* publicou dois periódicos, nos quais discutia suas concepções, a partir de 1879: o *Geographische Nachrichten für Welthandel und Volkswirtschaft* [Notícias geográficas para o comércio e a economia mundiais] e o semanário *Export*. Jannasch, embora publicasse artigos em ambos, era o editor da revista *Export*, com ampla circulação e bem conceituada, que funcionava como mediadora de conexões comerciais, atrelada ao “Escritório de Exportação” do *Centralverein*, que até o final de 1883, havia intermediado um total de 730 contatos comerciais no exterior por meio de ofertas regulares de exportação e importação. A pauta defendida era a conquista de novos mercados seguros para a indústria alemã no exterior com a ajuda da emigração organizada por meio da colonização concentrada em locais específicos. Segundo Klaus Bade (1975), o *Centralverein*, como uma organização guarda-chuva de associações coloniais, era na verdade mais uma “loja geral” para a política de emigração, apoio à exportação e política colonial. Nesse contexto, os propagandistas coloniais buscavam encontrar uma nova forma de propaganda colonial e as associações filiais do *Centralverein* queriam se libertar da reivindicação de poder de Robert Jannasch. O desfecho foi um racha interno da associação, sediada em Berlim, e a fundação da *Deutsche Kolonialgesellschaft* [Associação Colonial Alemã], em 6 de dezembro de 1882, com sede em Frankfurt am Main, como um novo guarda-chuva nacional para as associações regionais coloniais.⁵ A partir de então, o *Centralverein* desempenhou apenas um papel secundário no movimento colonial.⁶

TERRA E POVO DO RIO GRANDE DO SUL

Para Robert Jannasch, a política de emigração, colonial e comercial estava intimamente ligada. Essa interconexão transparece no seu escrito, *Land und Leute*, no qual apresenta o resultado da sua missão pelas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, em 1904. Inicialmente, tornou público os resultados da viagem em 5 de abril de 1905, quando realizou uma palestra na Sociedade de Geografia de Leipzig, Alemanha. Tendo

⁵ Sobre as disputas internas no *Centralverein* e a fundação de uma nova associação, a DKG, que a partir de então assumiu toda a política colonial, ver a pesquisa de Bade (1975).

⁶ O *Centralverein* permaneceu ativo no comércio exterior, especialmente por meio de sua revista *Export*. A Primeira Guerra Mundial, com a perda do império colonial alemão, anunciou o seu fim. O último presidente foi provavelmente Emil Brass, que assumiu sua administração em abril de 1919. A associação foi dissolvida em 1925 (BADE, 1975).

em vista a pertinência do tema, a palestra foi publicada entre 3 de agosto e 19 de outubro de 1905, na revista *Export*.

A leitura do texto informa os resultados efetivos da viagem, materializados na realização de palestras e a fundação de associações comerciais, na expectativa de estreitar os laços econômicos entre os comerciantes dos dois países. Seu olhar é de um economista alemão para um mercado com um potencial de produção e de consumo, mas que precisava ser orientado para explorá-lo ao máximo.

O aspecto central explorado e investigado por Jannasch são as razões por trás do atraso econômico do Estado. Sua conclusão imediata: ausência de vias de transporte. O seu escrito inicia com o comentário que ouviu do político e crítico Ferdinand Abbot, de Bagé, “a Barra do Rio Grande não está apenas no Rio Grande. Ela está na cabeça de todos nós, devemos nosso atraso a ela’. Isso foi grosseiro, mas essa grosseria mostra que os riograndenses inteligentes reconhecem claramente o câncer que está impedindo seu desenvolvimento” (JANNASCH, 1905, p. 482). O Estado carecia de um porto, capaz de receber embarcações de grande porte, o que exigia obras de melhoria e modernização do Porto do Rio Grande, na região Sul do Estado. Igualmente, necessitava de uma rede ferroviária ampla e ramificada, com preços competitivos – naquele momento, a rede ferroviária tinha uma extensão de aproximadamente 1.676 quilômetros.

Na observação das condições econômicas do Estado, ponderou que as crescentes necessidades econômicas da população eram fatores importantes para estimular o espírito empreendedor e outras forças produtivas, desde que houvesse interesse no desenvolvimento do país. Afirma que em todos os locais por onde passou no Rio Grande do Sul,

[...] apontei isso tanto para luso-brasileiros quanto para germano-brasileiros, explicando-lhes as tarefas econômicas que aguardam uma solução, uma solução na qual todos os partidos políticos são chamados a cooperar. Todos os brasileiros sensatos concordam com isso, e se a realização dessa verdade for levada à compreensão do povo pelos partidos governantes e seus líderes por meio de uma ação apropriada, então, mas somente então, o Rio Grande, sem dúvida, caminhará para um grande desenvolvimento.

A fundação do Centro Econômico teve como objetivo dar expressão a essas aspirações, e tanto os luso-brasileiros quanto os alemães deram as mãos em seu trabalho comum. O primeiro sucesso dos esforços dessa sociedade foi a exposição agrícola que ela organizou em abril de 1905. Outras exposições desse tipo serão realizadas em Pelotas e Bagé (JANNASCH, 1905, p. 527).

No seu escrito, sobressai sua admiração pelas colônias alemãs na Argentina, e o desenvolvimento dos imigrantes alemães naquele país. Em várias ocasiões, traçou comparativos.

Que diferença nessas condições e percepções em comparação com a vizinha Argentina, onde todo o poderoso espírito europeu de empreendimento estendeu suas raízes até a Cordilheira e até Chubut, e prestou valiosa orientação e serviços aos argentinos. O que mais o Rio Grande do Sul poderia alcançar em termos econômicos se o espírito popular de lá fosse mais bem educado e desenvolvido economicamente! (JANNASCH, 1905, p. 527).

Seguindo a tendência de outros relatos de viajantes e intelectuais que visitaram as colônias alemãs no sul do país, ressaltou a riqueza da fauna e da flora (LISBOA, 2008). O ambiente favorável, se não determinante, era um fator impulsionador ao desenvolvimento material dos imigrantes. Nessa linha, buscou confirmar suas observações com os próprios colonos:

[...] os dias claros no país são numerosos, e muitos colonos alemães a quem perguntei se gostariam de voltar para a Alemanha responderam: “Não, não desejamos voltar ao inverno de sete meses com sua neblina, geada e degelo. Gostaríamos de ver nossa antiga terra natal novamente, mas aqui é muito mais agradável, em uma natureza assim nos sentimos bem e saudáveis” (JANNASCH, 1905, p. 483).

No seu entendimento, as condições naturais favoráveis se refletiam no bem-estar da população colonial – nas entrelinhas, afirmava que o calor, a “preguiça tropical”, a indolência, não reinavam nessas paragens.

E, de fato, raramente encontrei pessoas mais saudáveis e de aparência mais próspera do que nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. E todas elas eram de constituição boa e robusta, especialmente os filhos nascidos no campo, entre os quais havia também muita gente bonita. Todos esses filhos de camponeses causavam uma excelente impressão em sua aparência. A ausência de qualquer tipo de febre também pode ser atribuída à influência das condições climáticas favoráveis (JANNASCH, 1905, p. 483).

Sobre a questão étnica e intra-étnica, Jannasch anotou o seu estranhamento e sua crítica, especialmente em relação à diversidade étnica.

Muitos teuto-brasileiros, especialmente nas cidades, evitam o contato com o elemento alemão e estão intimamente ligados aos luso-brasileiros por meio de laços familiares e simpatias políticas, que consideram ser a única coisa certa e vantajosa para o desenvolvimento do jovem país. A cifra de 250.000 habitantes de ascendência alemã provavelmente está correta.

Apenas alguns dos imigrantes alemães permaneceram, e somente cerca de 600 estão registrados no consulado alemão em Porto Alegre. Na década de 1870, o cônsul Ter Brüggen recomendou que os imigrantes alemães sempre adquirissem a cidadania brasileira, o que poupou

muito trabalho ao consulado. Em tempos mais recentes, uma prática diferente foi adotada, o que retarda a absorção do elemento imigrante pelos interesses do país.

Como resultado da legislação nacional, os alemães perdem muito facilmente sua cidadania alemã (JANNASCH, 1905, p. 543-544).

No decorrer da sua descrição do povo riograndense, em algumas passagens sobressai seu olhar europeu, bem como seu olhar étnico, reforçando os estereótipos vigentes.

Os imigrantes portugueses muitas vezes se misturaram com os habitantes nativos do país, e o número de mulatos, especialmente nas cidades, ainda é grande. No oeste e no noroeste, a mistura com os índios é frequente, e o caráter desses mestiços é avaliado favoravelmente, especialmente sua grande lealdade e confiabilidade, que são elogiadas. Fisicamente, também, esses híbridos parecem ser preferidos. Em particular, as meninas e mulheres nascidas de tais cruzamentos são frequentemente distinguidas por sua grande beleza, especialmente por seus olhos maravilhosos. Um mestiço riograndense educado (caboclo) – seu pai era índio e sua mãe alemã – comentou comigo um dia o seguinte: “Os riograndenses, como toda a nação brasileira em geral, surgiram em sua grande massa da floresta e da cozinha, ou seja, o pequeno número de imigrantes europeus, especialmente os portugueses, aumentou nos séculos anteriores principalmente pela mistura com as mulheres negras da casa e do pessoal da cozinha, bem como pela mistura com as mulheres indígenas. Os mulatos e os caboclos formam a base da população em todo o Brasil e a maioria esmagadora dos habitantes. Os mulatos são mais numerosos nas províncias do norte do Brasil do que no sul.” Eu mesmo descobri que os mestiços de europeus e índios são pessoas inteligentes e superam de longe os mulatos em termos de habilidades mentais e caráter, uma observação que me foi confirmada por muitos como correta (JANNASCH, 1905, p. 544).

Seu posicionamento intra-étnico emerge em relação aos imigrantes também. Quando escreve que “até uns poloneses são bons agricultores”, que “alemães e austríacos convivem no mesmo espaço”, seu horizonte são os conflitos nacionais e disputas étnicas que remetem ao Império Austro-Húngaro e da Prússia. O espanto, nas colônias, é a necessidade de estar no mesmo espaço, em um país estrangeiro, onde todos são denominados como “alemães” na leitura étnica do “outro”, no caso, o brasileiro. Para além de chamar atenção à diversidade étnica das colônias, observa a migração interna dos imigrantes no país, e na América Latina. Sobre os imigrantes alemães, traz a sua multiplicidade interna, composta por “austríacos alemães, suíços alemães e russos alemães”. Além disso, “os escandinavos, holandeses e bôeres que vêm para as colônias agrícolas do sul do Brasil são muito mais facilmente e intimamente associados ao elemento alemão do que aos luso-brasileiros ou italianos, o que é compreensível dada a

afinidade racial dos imigrantes em questão” (JANNASCH, 1905, p. 580). Aqui, pontua a discrepância dos dados, entre a emigração da Alemanha e a imigração no país.

A comparação mais enfática que faz é entre as colônias alemãs e as colônias italianas, considerando que as segundas se localizam na região montanhosa da serra gaúcha. Argumenta que o colonizador alemão demonstrava desde o princípio, por meio do seu trabalho e instalações, “a sua intenção de se estabelecer permanentemente na terra que trabalhou e só a abandona quando tem a infelicidade de adquirir terras ruins e estéreis, ‘de modo que, depois de alguns anos, é forçado a deixar sua casa para encontrar um novo lar em outro lugar’”. O colono italiano, por sua vez, rapidamente derrubava os pinheiros, cortava-os em tábuas e comercializava; nas suas roças, não usava fertilizantes, nem nos vinhedos, fazendo rotação de terras quando esgotavam. “Tudo o que voa é abatido e comido, e nas florestas primitivas adjacentes às colônias italianas toda a vida das aves é logo exterminada: até mesmo os macacos são abatidos e servem de alimento”. Suas casas eram simples, de madeira. Aqueles que conseguiam juntar alguma riqueza, retornavam à Itália. Enfim, toda organização produtiva do colono italiano sinalizava para a provisoriedade na colônia e seu desejo de retornar. “O camponês alemão fica e quer ficar, por isso sua enorme casa de pedra! A propósito, o colono italiano é extraordinariamente diligente, inteligente, um homem de negócios astuto, mas também um fazendeiro que especula em todas as direções” (JANNASCH, 1905, p. 545).

Relativo aos empreendimentos e zonas de colonização, elencou o empreendimento privado do industrial Rheingantz, “que colonizou com grande habilidade e sucesso”, a colônia São Lourenço, em Pelotas. Elogia a vasta zona colonial centrada em São Leopoldo, no vale do Sinos, que se espalhou para os vales do Caí, Taquari e para a região de rio Pardo. E, como nova região em formação, cita as colônias perto de Cruz Alta, “nas terras altas”, uma vez que apenas poucos alemães residiam de fato na sede do município. A 50 km da sede, estava “Neu-Württemberg, habitada exclusivamente por alemães”; a oeste desta, “a colônia governamental de Ijuí, onde os antigos alemães do Reich e os austríacos alemães vivem ao lado de vários poloneses”; a oeste dessa colônia estão Santo Ângelo, Comandante, Serro Azul, Guarany etc. O diferencial das colônias do noroeste era justamente o perfil dos imigrantes, cujo fluxo era composto “principalmente de alemães e poloneses, sendo que deve ser enfatizado que muitos dos imigrantes poloneses são um excelente elemento colonizador”. Em termos gerais, assinala a presença de comunidades alemãs em muitos centros

urbanos, incluindo Porto Alegre, Rio Grande, Cachoeira e Santa Maria (JANNASCH, 1905, p. 544).

Outro aspecto no qual se deteve longamente foi o processo de colonização em uma colônia recém-fundada, ressaltando o trabalho do colono até ter recursos suficientes para quitar seu lote colonial.

Os primeiros anos de assentamento são repletos de trabalho árduo e muitas dificuldades para o colonizador camponês. Em sua colônia estatal ou particular, que ele geralmente recebe em condições favoráveis de pagamento, o colono começa limpando a floresta primitiva. [...] Depois que o colono termina a roça no início da primavera, ou seja, em setembro/outubro, ele planta feijão, mandioca e milho, todas as culturas que dão uma colheita boa e geralmente segura depois de alguns meses. O colono está, então, em condições não apenas de alimentar a si mesmo e a sua família durante a colheita, mas também de adquirir animais, [...] de modo que, ao final do primeiro ano de sua atividade, ele tem nutrientes vegetais e animais autoproduzidos suficientes. De ano para ano, a roça é ampliada, o solo pobre é deixado para a nova floresta (capoeira) que cresce rapidamente; várias culturas são plantadas e o número de animais é aumentado de acordo com a quantidade de forragem disponível. A casa e os anexos são melhorados e ampliados. Depois de 5 a 6 anos de trabalho extremamente árduo, os colonos alemães passam à construção de casas de pedra e, se não houver doença ou outros desastres, as casas são construídas por conta própria. Se o colono não for afetado pelo mau tempo, por exemplo, pela escassez de água ou devido a fortes chuvas, depois de 10 a 12 anos ele se assenta como um homem livre e independente em sua fazenda imponente, em cujos jardins são cultivadas numerosas árvores frutíferas, como laranjas, ameixas japonesas - que crescem muito bem -, vinhas e outras frutas, bem como os melhores vegetais (JANNASCH, 1905, p. 544-545).

Desenhado o contexto mais amplo, Jannasch se ocupou longamente em analisar o cotidiano do colono no seu processo de instalação na colônia. Assevera que no princípio de sua atividade, o colono era dependente de si mesmo, uma vez que “não é apenas agricultor e trabalhador florestal, mas também pedreiro, carpinteiro, padeiro, sapateiro e alfaiate”. Se era um artesão de profissão, o aumento da população e a divisão de trabalho acabavam por levá-lo de volta à profissão, por vezes exercida paralela à agricultura, outras, se sobrepondo. Nos centros maiores, “os artesãos se aproximam e são eles que se concentram nas praças da cidade, praticando principalmente o comércio burguês.” Em todas elas há sapateiros, alfaiates, açougueiros, jardineiros, padeiros, pedreiros, carpinteiros e marceneiros, caldeireiros de sabão, moleiros (de farinha e de serra), seleiros, ferreiros e carroceiros (JANNASCH, 1905, p. 546).

Destaca também o desenvolvimento industrial do Estado, com a presença de várias indústrias alemãs atuando em diferentes áreas industriais: têxtil, couros, cervejarias, charutos e cigarros.

O grau de progresso dependerá da capacidade técnica dos empreendedores e do poder de capital à sua disposição. Se a Alemanha estiver atenta a esse desenvolvimento e apoiá-lo com capital, crédito e técnicos adequados, a indústria alemã poderá garantir suprimentos para esses ramos emergentes da indústria, especialmente em maquinário etc. Os industriais alemães, assim como os empresários alemães, poderão fornecer o capital necessário. Os industriais alemães, bem como as associações industriais, não devem deixar de levar isso em consideração, tanto mais que o desenvolvimento dos recursos do país, especialmente com a ajuda da mineração, oferece perspectivas favoráveis (JANNASCH, 1905, p. 579).

Na sua leitura, atribui em parte o desenvolvimento econômico do Estado às colônias alemãs.

As vantagens que eles trouxeram ao país ao criar uma classe média rural, sedentária e conservadora, bem como uma classe comercial e artesanal, ainda estão longe de ser suficientemente apreciadas. Como os alemães são bons riograndenses e se esforçam para promover os interesses de sua nova pátria em todas as direções, sua própria vantagem dita isso, que depende do bem e do mal do desenvolvimento de todo o país (JANNASCH, 1905, p. 610).

Cabe lembrar que Jannasch está escrevendo no contexto pós-revoação do Rescrito v. d. Heydt de 1859, momento marcado pela expectativa de um fluxo migratório maciço ao Brasil. Todavia, os dados estatísticos indicavam que a emigração para o sul do Brasil não aumentou, enquanto a emigração para os Estados Unidos ainda excedia em muito a emigração para todas as outras regiões de emigração. Logo, o país norte-americano oferecia um futuro mais próspero que qualquer outra região, embora as perspectivas de independência econômica do imigrante eram muito melhores no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e partes da Argentina e do Chile, somando-se o fato de que os imigrantes alemães, nesses locais, estavam mantendo sua tradição cultural e prestando serviços pioneiros importantes ao comércio alemão. Deste modo, conclamava “todos os amigos dos interesses estrangeiros da Alemanha” a se unirem no esforço de desviar a emigração alemã e o capital empresarial para o sul do Brasil - principalmente para a construção de ferrovias, desviando da América do Norte.

Essas são reflexões tristes quando nos damos conta de que, na Alemanha, as oportunidades oferecidas ao nosso comércio e nossa influência em muitos lugares no exterior são tão mal avaliadas, e como as pessoas ficam surpresas mais tarde quando percebem que, de repente, outros estão colhendo o que nós realmente semeamos! (JANNASCH, 1905, p. 593).

Por fim, levanta o aspecto cultural das colônias riograndenses. Salienta o trabalho de excelência realizado pelas escolas públicas superiores, enquanto a situação das escolas primárias e, por extensão, a educação do povo, era muito precária e inadequada. Assim,

[...] é compreensível que, especialmente os imigrantes alemães, que conheceram as vantagens de um bom sistema escolar em seu antigo país de origem, estejam ansiosos para oferecer esse sistema também a seus filhos. É bastante compreensível que o colono da floresta primitiva, que vive longe dos centros de tráfego, possa fazer pouco ou nada pela educação de seus filhos, mas merece ser enfatizado que, com algumas exceções lamentáveis, o colono alemão faz os maiores sacrifícios imagináveis para conseguir um professor junto com outros colonos. E como é difícil frequentar a escola! Quantas vezes vi duas ou três crianças terem de viajar por horas a cavalo ou em uma mula para a escola! Onde os alemães vivem juntos em colônias bem desenvolvidas ou até mesmo em praças da cidade, há boas escolas e professores. Os pastores também fazem o possível para apoiar os professores, já que seu trabalho principal geralmente é ensinar (JANNASCH, 1905, p. 593).

Ressalta ainda o trabalho cultural realizado nos educandários, em especial a música e a poesia alemãs. “Para essas pessoas, que estavam espiritualmente distantes de toda cultura, a canção e o poema alemães eram um refresco após o trabalho árduo dos dias de trabalho. Todos cantavam junto, homens, mulheres e crianças” (JANNASCH, 1905, p. 694). Os momentos de sociabilidade e o trabalho escolar contribuíam para manter e preservar a cultura e a identidade alemã, especialmente as tradições culturais e a língua. Nessa perspectiva, a multiplicidade étnica do Estado, somada à ausência de escolas públicas, eram fatores que retardavam a aprendizagem da língua portuguesa por parte dos imigrantes e a formação de uma identidade homogênea no Estado. Entende que o país de origem apoiava pouco as iniciativas no país de destino, como o orfanato Pella Bethania, em Taquari, “que merecia mais ajuda da Alemanha do que a missão entre os negros africanos” (JANNASCH, 1905, p. 593).

Causa-lhe espanto a imprensa em língua alemã, estabelecida no Estado. Primeiro, pelo seu potencial, enquanto meio de comunicação e articulação nas colônias alemãs; e em segundo, pelas disputas ideológicas e políticas presentes nessa imprensa, dividindo e contrapondo os alemães, abrindo pouco espaço para a discussão das questões econômicas. No seu entender, o maior líder do grupo étnico presente na imprensa foi Karl von Koseritz, até então, não substituído.

Em algumas áreas, essas *querelles d'allemands*, que originalmente eram conduzidas para o bem de nada, também dividiam os alemães

politicamente em dois campos. Todas as questões escolares, religiosas, econômicas e administrativas eram negociadas sob o ódio das partes e tinham um efeito prejudicial sobre os interesses dos colonos alemães como um todo (JANNASCH, 1905, p. 610).

Enfim, esboçado o cenário riograndense e delimitadas as suas zonas de colonização alemã, Jannasch retornou à questão central, que motivou a sua viagem:

O que nós, na Alemanha, podemos fazer pelo Rio Grande do Sul? Como podemos promover os interesses de todo o país, bem como os nossos próprios interesses, que se encontram principalmente no campo da política comercial? Estou intencionalmente fazendo a pergunta dessa forma e não perguntando "o que podemos fazer no interesse do elemento brasileiro "alemão". Se a questão fosse colocada dessa forma, os oponentes do germanismo poderiam facilmente derivar dela a acusação de unilateralidade e parcialidade. Os alemães do Rio Grande são teuto-brasileiros. Todos os seus interesses culminam com os interesses de sua nova pátria. Quanto mais esta última avançar, quanto mais participar do progresso cultural geral do mundo, mais vigorosamente as partes teuto-brasileiras do país se desenvolverão (JANNASCH, 1905, p. 625).

Conforme sua avaliação, não havia uma resposta única, mas sim, um rol de possibilidades. Primeiro,



[...] ao desviar a emigração alemã para o Rio Grande do Sul, não apenas fortaleceremos toda a vida intelectual do país, mas também promoveremos o desenvolvimento econômico. Os imigrantes alemães são também os consumidores constantes de nossos artigos de exportação e, portanto, de grande valor para nossa indústria exportadora. Os trabalhadores agrícolas e do campo qualificados, bem como os artesãos, que também são especializados em agricultura, sempre encontrarão um futuro próspero e seguro como colonos (JANNASCH, 1905, p. 625).

Entretanto, nesse momento ainda desaconselhava a emigração de comerciantes, a não ser em caso de contrato prévio. Já a presença do Banco Brasileiro para a Alemanha, com agências no Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Porto Alegre, facilitava as transações bancárias com a Alemanha, assim como com países estrangeiros em geral, além de oferecer recursos econômicos às indústrias de exportação. Sugere aqui a atuação de empresas, engenheiros e geólogos para investigar, determinar e explorar os depósitos subterrâneos de minério, perfurar os depósitos existentes de fosfatos, cal e sal, investindo ainda em vias de transporte modernas. Reforçava a riqueza do Rio Grande do Sul em recursos produtivos, cuja exploração de forma mais efetiva dependia de "superar suas condições de tráfego atrasadas e ganhar acesso ao tráfego mundial".

Para o emigrante alemão "menos abastado e trabalhador", as perspectivas no Estado eram promissoras. "Esses trabalhadores pobres, que emigraram do Hunsrück, da

Vestfália e da Pomerânia, tornaram-se prósperos proprietários de terras após 10 anos de trabalho árduo, conquistaram uma existência segura e boas perspectivas de futuro para eles e seus filhos”. Observa que ainda havia limitações na vida privada e pública, em decorrência das mudanças políticas da década de 1890 – queda da Monarquia, Proclamação da República, Revolução Federalista de 1893. Nesse momento, registra sua admiração pelo governador Borges de Medeiros – “à frente do Estado há agora um homem que fez plena justiça ao elemento alemão e cujo senso de dever não permitirá que as partes teuto-brasileiras do país recebam menos consideração na proteção dos interesses públicos do que os municípios luso-brasileiros”, pois ele “conseguiu conquistar a confiança de seus compatriotas teuto-brasileiros, e os membros de seu partido, bem como todos os bons cidadãos do Rio Grande do Sul, podem ter certeza da alegre aprovação e apoio de seu partido em seu trabalho pela paz” (JANNASCH, 1905, p. 625).

Para fortalecer as relações econômicas e se inserir no comércio global, o governo do Rio Grande do Sul e os órgãos econômicos do país, juntamente com “seus amigos europeus”, deveriam: a) tomar medidas para divulgar o país e o povo do Estado na Europa, especialmente na Alemanha, a fim de atrair capital e mão de obra europeus; b) a melhoria da agricultura por meio da promoção da fruticultura e da viticultura; melhoria do cultivo de tabaco por meio da substituição contínua de sementes, classificação cuidadosa das folhas de tabaco; c) a continuação dos experimentos com culturas de arroz; d) exploração de produtos agrícolas e hortícolas por meio da obtenção de sucos de frutas, vinhos de frutas e conservas de frutas etc.; e) criar e fomentar estações de pesquisa, além de premiar os melhores produtos; f) a melhoria da criação de peixes, especialmente do Bagre, por meio da introdução de um período de defeso; g) *lobby* enérgico do Centro Econômico para a redução das taxas de frete nas ferrovias e linhas de navios a vapor; h) melhoria contínua das estradas e pontes, especialmente as da Serra.

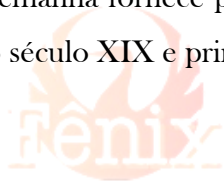
Portanto, o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul não dependia de uma única solução, mas um conjunto de ações, contemplando produção, escoamento, comércio e tecnologias. Para implementar essas ações, era necessário um plano de desenvolvimento estratégico, envolvendo toda a sociedade e a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, conclui-se que na última década do século XIX, a emigração alemã para o Sul da América Latina e, nesse recorte, o Rio Grande do Sul, estava na

pauta das discussões nos círculos emigrantistas da Alemanha, como a *Centralverein* e, posteriormente, a *Deutsche Kolonialgesellschaft*, nas quais figuravam muitos intelectuais. Sobressai a rede intelectual americanista na qual gravitavam o editor e colonizador Dr. Herrmann Meyer, o pedagogo Dr. Erich Krapf e o economista Dr. Robert Jannasch, unidos em torno do propósito de direcionar o fluxo emigratório do país para o Sul da América Latina, materializado na implementação de um projeto de colonização no noroeste do Rio Grande do Sul.

Nessa rede de intelectuais, Jannasch era o mais articulado, ao ocupar o lugar de editor de uma revista de ampla circulação e dirigir uma associação comercial, que atuava na mediação de contratos internacionais. Diferente de outros intelectuais, seu foco se concentrava no desenvolvimento econômico das zonas de colonização no exterior, passando pelo comércio e a indústria, razão pela qual apontou caminhos para viabilizar a economia do Estado. Em segundo plano, tratou do povo, destacando a diversidade étnica interna daquilo que era denominado como “alemães”, e a sua contribuição humana, socioeconômica, política e cultural à terra de adoção. Enfim, o universo intelectual da Alemanha fornece pistas sobre como esses espaços coloniais eram vistos e lidos no final do século XIX e primeiras décadas do século XX.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

BADE, Klaus J. **Friedrich Fabri und der Imperialismus in der Bismarckzeit**. Freiburg im Breisgau: Verlag Atlantis, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. rev. 4. reimpr. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BURMEISTER, Karl Heinz. Kapff, Sixt Ernst. In: RÜCKERT, Maria Magdalena (Hrsg.). **Württembergische Biographien unter Einbeziehung hohenzollerischer Persönlichkeiten**. Band I. Kohlhammer, Stuttgart, 2006, p. 122-125.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados**, 24 (69), 2010, p. 7-30.

CHARTIER, Roger. Intelectual. In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HERMANNSTÄDTER, Anita. Herrmann Meyer Der Sertão als schwieriger sozialer Geltungsraum. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Die Xingu-Expedition. (1898-1900)**. Ein Forschungstagebuch. Köln: Böhlau Verlag, 2004. p. 403-434.

JANNASCH, Robert. In: **Deutsches Kolonial-Lexikon**. Band II. Leipzig 1920. S. 124.

JANNASCH, Robert. In: **Meyers Großes Konversations-Lexikon**. 6. Auflage. Band 10, Bibliographisches Institut, Leipzig/Wien 1907, S. 169.

JANNASCH, Robert. Land und Leute von Rio Grande do Sul. **Export**. Organ des Centralvereins für Handelsgeographie und Förderung deutscher Interessen im Auslande. Berlin, 3 ago. a 19 out. 1905.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Máira Ines (Org.). **Ensaio de micro-história: trajetória e imigração**. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2016, p. 18-31.

LEVI, Giovanni. A História: ciência das perguntas gerais e das respostas locais. In: VENDRAME, Máira Inês; KARSBURG, Alexandre. **Territórios da história: o micro, o local e o global**. São Paulo: Alameda, 2023. p. 23-40.

LISBOA, Karen Macknow. Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo. **Espaço Plural**, Ano IX, n. 19, 2008, p. 95-104.

MARTINS, Jefferson Teles. Notas sobre o estudo dos intelectuais: as contribuições teóricas de Bourdieu para o estudo de trajetórias intelectuais de agentes e instituições. **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 20, n. 1, p. 7 - 18, 2020.

MEYER, Herrmann. **Ackerbaukolonien**. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien). Leipzig: Bibliographischen Institut, 1903.

MEYER, Herrmann. **Ackerbaukolonien**. Neu-Württemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien). Leipzig: Bibliographischen Institut, 1906.

MEYER, Herrmann. **Die Privatkolonien von Dr. Herrmann Meyer in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)**. Leipzig: Bibliographischen Institut, 1901.

MEYER, Herrmann. *Meine Reise nach den deutschen Kolonien in RS. 1898-1899*. Gedruckt als "Reisebrief" für seine Freunde. Leipzig: Carl Meyers Graphisches Institut, 1899.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In.: SÁ, Maria Elisa Noronha de. **História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas / organização: -** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 23-58.

NEUMANN, Rosane Marcia. E/imigrações: representações do Sul do Brasil no discurso da intelectualidade alemã (1896-1918). In: **Migrações: fronteiras, territórios e culturas**. São Leopoldo: Oikos, 2022, p. 119-138.

NEUMANN, Rosane Marcia. Empresas colonizadoras e empresários: a colonização particular no Rio Grande do Sul (séc. XIX e XX). In: **Colonos, colônias e colonizadoras: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil**. v. 6. Passo Fundo: EDIUPF, 2023, p. 13-58.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura**. O projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.

SAUER, Angelika E. The Unbounded German Nation: Dr. Otto Hahn and German Emigration to Canada in the 1870s and 1880s. **Canadian Ethnic Studies**, vol. 39 no. 1-2, 2007, p. 129 -144.

SAUER, Angelika E. The Diasporic Moment: Elise von Koerber, Dr. Otto Hahn, and the Attempt to Create a German Diaspora in Canada. In.: SCHULZE, Mathias et. all. (eds.). **German Diasporic Experiences: Identity, Migration, and Loss**. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2008, p. 205-216.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 06/03/2024
Parecer dado em: 26/06/2024